

Sobre o graffiti em São Paulo e no Brasil

Fernando do Nascimento Gonçalves

Professor da Faculdade de Comunicação Social, pesquisador em Comunicação e Artes no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ e integrante do CAC.

O *graffiti* como poética de intervenção urbana que instiga e encanta o olhar, que comunica em linguagem simples “a todas as pessoas em todos os lugares” é o tema do livro *O graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estéticas e estilos*, organizado por Sérgio Poato e publicado em 2006 pela Editora da USP.

O livro começa com o texto de Charbelly Estrella, profissional de Relações Públicas da Comuns/UERJ e integrante do grupo de pesquisa CAC (Comunicação, Arte e Cidade) da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Charbelly pesquisa sobre o tema em seu doutoramento na PUC-Rio e aborda no livro a visualidade de São Paulo, conectando-a ao vocabulário do *graffiti* e à sua poética. A autora discute, em dois capítulos distintos, as obras da dupla formada pelos irmãos artistas Gustavo e Otávio, conhecidos como Os Gêmeos, e do artista dos subterrâneos, Zezão. Ambos têm como marca a relação visceral com espaços arquitetônicos, num exemplo do que se convencionou chamar de arte *site specific* ou arte “produzida para o lugar”. O relato de Charbelly ressalta, no trabalho dos Gêmeos, exatamente as tensões e contradições presentes no cotidiano da grande cidade, encarnadas em figuras ora esqueléticas, frágeis, ora lúdicas e oníricas, que mostram como, na cidade, abandono e delicadeza podem coexistir lado a lado, de forma crua e quase sempre surpreendente. A crueza da cidade é também objeto das obras do artista Zezão, que exploram literalmente os lugares *sub* da cidade e espalham-se, como mostra a autora, pelas galerias subterrâneas e vãos de viadutos paulistanos. Esgoto e mendigos são um “lixo” que a cidade abomina e tenta em vão esconder, mas que reaparece de forma contundente nesses trabalhos. Grafitar no “subterrâneo” é, como tentou demonstrar Charbelly, antes convite ao aguçamento da sensibilidade que estetização do obscuro, um flagrante de uma suavidade forjada na aspereza que a cidade produz e não quer.

A obra conta também com a colaboração de diversos artistas de *graffiti* e profissionais-pesquisadores de *design*, psicologia, sociologia e artes e se propõe a traçar um panorama da produção recente do *graffiti* na cidade de São Paulo, trazendo, “de quebra”, alguns representantes do cenário nacional. Venham de Ceilândia (DF), Belo Horizonte, Rio ou São Paulo, o conjunto de imagens, artigos e entrevistas que compõem o livro são vozes de um movimento que parece não apenas reivindicar as margens da cidade, mas, sobretudo, a possibilidade de apropriação e renovação das práticas culturais em todos os seus espaços. Tais práticas convidam à releitura não só dos espaços urbanos, mas também das práticas sociais e comunicativas a eles relacionados.

No caso, o convite é feito de forma a mostrar que a experiência do *graffiti* tem uma feição-função poética capaz de atuar igualmente em nossas formas de perceber e viver nas cidades. Tático, o *graffiti* constitui assim uma espécie de artesanato de comunicação, tramada nas malhas da cultura urbana, que faz do ato de inscrever nas superfícies e fissuras das metrópoles um exercício de singularidade e resistência, tatuado e esculpido no “corpo” das cidades.

Referência bibliográfica

POATO, Sérgio. (org.). *graffiti na cidade de são paulo e sua vertente no brasil: estéticas e estilos*. São Paulo: EdUSP, 2006.